

PENAS INDÔMITAS – O RESGATE HISTORIOGRÁFICO DE VOZES SILENCIADAS NA LITERATURA CEARENSE OITOCENTISTA DE AUTORIA FEMININA

UNDOMINATED WRITING – THE HISTORIOGRAPHICAL RESCUE OF SILENCED VOICES IN 19TH CENTURY FEMALE LITERATURE IN CEARÁ

Carla Pereira de Castro¹

Comecei a desenvolver o estudo sobre as escritoras cearenses do século XIX ainda no ano de 2003, quando ingressei no curso de Letras, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Costumo narrar um fato ocorrido durante o primeiro dia de aula, quando o Professor Doutor Eduardo Chaves Ribeiro da Luz, que na época ministrava as disciplinas de Teoria da Literatura e Literatura Cearense II, nos sugeriu, como tema de mestrado mais à frente, o estudo dos autores cearenses para que pudéssemos conhecê-los melhor e valorizássemos suas obras, pois havia uma ausência dos referidos estudos na própria Academia.

Apesar de ainda ter um longo caminho a percorrer, a expressão “Literatura Cearense” nunca mais sairia da minha mente. Até o momento, observamos essa lacuna e seguimos incentivando e provocando novos estudos não apenas nessa seara, mas, principalmente, sobre a Literatura de Autoria Feminina no estado do Ceará.

Sempre quando eu tinha um horário vago entre as aulas, me dirigia à biblioteca para passear por entre as estantes, em busca dos autores cearenses – não os canônicos, pois esses eu já conhecia, como Rachel de Queiroz e José de Alencar –; eu gostaria de conhecer outros nomes, outras vozes.

No ano de 2006, identifiquei uma lei a qual institui o dia 17 de novembro como o Dia da Literatura Cearense em honra a Rachel de Queiroz, que nascera nesse dia, em 1910. Diante desse fato, elaborei um projeto em comemoração aos nossos escritores – seria um dia repleto de atividades e homenagens – e o apresentei à Professora Doutora Elisabeth Dias Martins, que prontamente abraçou a ideia e me sugeriu uma exposição com fotos de autores cearenses para que as pessoas que a fossem visitar, conhecessem o nome, a imagem e as obras desses beletristas.

Foi justamente quando eu estava preparando a exposição que pude comprovar a ausência dos nomes de mulheres nos livros de Literatura (e infelizmente isso não ocorre apenas com escritoras cearenses). Enquanto encontrava 100 nomes de escritores, me deparava com

¹ Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente de Língua Portuguesa no Governo do Estado do Ceará. *E-mail*: professoracarlacastro@gmail.com.

cinco nomes de autoras. Essa disparidade me fez refletir sobre o que poderia haver acontecido para que as mulheres fossem silenciadas dos cânones das antologias e dos registros historiográficos. Ali mesmo, na biblioteca, decidi elaborar um dicionário que contivesse o maior número de autoras para que quando outras/os pesquisadoras/res precisassem conhecê-las, não tivessem tantas dificuldades como as que eu estava tendo. Mal sabia eu que o trabalho a ser desenvolvido a partir dali me custaria tantos anos de pesquisa e de dedicação. Ao todo, foram 16 anos até que meu livro – ***Resquício de Memórias: Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX*** – ficasse pronto e fosse publicado em 2019.

Visitei várias bibliotecas, tanto da capital como do interior do Ceará, e inclusive fui duas vezes à Biblioteca Nacional (BN), no Rio de Janeiro, para fazer pesquisas, uma vez que naquela época, a BN ainda não tinha disponibilizado o seu acervo digitalizado. Até hoje, há muitos jornais que tampouco o têm e que para consultá-los é preciso fazer a pesquisa se dirigindo até a biblioteca. Adquiri muitos livros em sebos *on-line* à procura de referências que contivessem algum registro das escritoras cearenses – dentre eles: dicionários literários, antologias e livros de crítica e historiografia literária. Busquei famílias, descendentes de escritoras, mas todas as veredas nesse sentido eram estreitas e de difícil acesso.

Até aquele momento, nunca tinha ouvido falar em “memoricídio” e ficava todo o tempo fazendo a mesma indagação: **“O que teria ocorrido para que as nossas escritoras tivessem sido invisibilizadas?”**. Eu não poderia ter como referência os estudiosos que tinham me antecedido nos estudos sobre a Literatura Cearense, pois se assim o fizesse, não teria muito a acrescentar com a minha pesquisa; eu precisava buscar outras fontes que não estavam nas referências e, de forma insuspeitada, fui encontrando aquilo que tanto procurava.

Devo muitos agradecimentos às pesquisadoras que desbravaram este campo e que tiveram muito trabalho quando iniciaram suas investigações, já que naquela época, não havia tantos recursos como hoje, com a Internet a facilitar o labor de quem investiga academicamente. Dentre elas, cito **Adalzira Cavalcanti de Albuquerque Bittencourt Ferrara** – mais conhecida como **Adalzira Bittencourt** –, que na década de 1940 começou a construção de um dicionário que pudesse conter todos os nomes de escritoras brasileiras até então. Infelizmente ela faleceu antes de concluir o seu intento. Publicara três volumes do dicionário que contemplavam apenas a letra “A”. Outro nome de investigadora que se dedicou a esse ofício foi **Nelly Novaes Coelho**, que concebeu o clássico *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, publicado em 2002 e republicado em 2011. E também a brilhante e competente **Professora Doutora Zahidé Lupinacci Muzart (Zahidé Muzart)**, que fundou a Editora

Mulheres e que, juntamente com a **Professora Doutora Constância Lima Duarte**, foram responsáveis pela publicação dos três volumes sobre as escritoras brasileiras do século XIX.

Inspirada nessas desbravadoras, decidi enfrentar os obstáculos e publicar o dicionário que já habitava nas minhas metas a médio prazo. Dentre esses percalços estava a falta de recursos para editar o livro, mas, para minha sorte, dois acontecimentos foram fundamentais para concluir o meu intento; dois fatos me impulsionaram a alcançar o meu objetivo sem que eu por eles houvesse esperado.

O primeiro foi ser contemplada pelo edital das artes da Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor) no ano de 2016, quando consegui a verba necessária para a publicação da pesquisa. O segundo foi a minha aprovação na seleção do mestrado, em 2017, na UFC, tendo como objeto de pesquisa, as escritoras cearenses do século XIX.

No ano de 2018, já mestranda, participei de um evento de Literatura de Autoria Feminina. Foi ali que ouvi, pela primeira vez, o termo “memoricídio”, citado pela pesquisadora Constância Lima Duarte, e que se referia ao assassinato da memória. Esse termo fora cunhado por ela, que esclareceu que o “memoricídio” é justamente o que havia ocorrido com as nossas escritoras, o conceito que eu tanto buscara saber e que não sabia ainda que tinha um nome.

A bem da verdade, o “memoricídio” aconteceu não somente com elas, mas com incontáveis escritoras no mundo inteiro, em diversos momentos da História e sempre por motivos sexistas, com os cânones literários valorizando o masculino em detrimento do feminino. Entretanto, não apenas a Academia o fez; elas foram igualmente ostracizadas por historiadores e pesquisadores; amordaçadas dentro de suas próprias famílias por seus companheiros, irmãos e pais; fora de casa, por aqueles que não aceitavam que a mulher pudesse não somente ler, mas escrever e publicar. O machismo que emudece a voz e seca a tinta das plumas de escritoras prestigiosas ainda persiste – especialmente se elas se destacam e ameaçam sobrepujar, com seu talento e brilho próprios, a fragilidade egóica masculina.

No decorrer da organização do meu livro, encontrei muitos empecilhos a serem superados. Dentre eles, bibliotecas interditadas, como a Biblioteca Estadual do Ceará (BECE), que permaneceu oito anos fechada para reforma, sendo inviável a realização de pesquisas ali nesse ínterim. Outras bibliotecas estavam em más condições e não ofereciam facilidade de empréstimo de material ou, pior do que isso: sequer os tinham.

A falta de acesso a obras raras foi outro desses desafios. Como eu estava pesquisando sobre as escritoras cearenses do século XIX e suas obras tinham sido publicadas entre o final do século XIX e o início do século XX, esses livros também estavam inacessíveis, situados em acervos raros, deteriorados o mais das vezes, ou nas mãos de bibliófilos não raramente

insensíveis às nossas solicitações de ajuda, receosos de que eu estragasse as suas preciosidades e por razões de foro íntimo que eu respeito.

Em alguns poucos registros que encontrei sobre escritoras cearenses – dentre eles, no *Dicionário da Literatura Cearense*, de autoria de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa –, havia algumas inconsistências como, por exemplo, o título do livro de Abigail Sampaio, que estava grafado *Luar de Pátria* e que, devido a esse erro, por muitos anos, procurei a obra sem conseguir encontrá-la. Foi quando adquiri os dicionários de Adalzira Bittencourt, como expus anteriormente – a pesquisadora só conseguira contemplar a letra “A” – e ela, em entrevista a um jornal da época, relatou o percurso do seu trabalho. Ela enviava cartas às escritoras solicitando fotos, informações e exemplares de seus livros. No entanto, poucas lhe retornaram. Ou seja: esse é um dissabor que eu, ela e muitas e muitos de nós, que investigamos temas muito específicos, passamos e que não temos como evitar porque, no outro lado, espera-se encontrar empatia e colaboração, mas essas são atitudes cada vez mais raras nos seres humanos na contemporaneidade. Entretanto, Abigail atendeu ao seu pedido e lá estava grafado corretamente o nome do seu livro, que não era *Luar de Pátria*, mas sim *Luar de Prata* (grifo meu).

E foi exatamente por um erro de grafia que jamais eu encontraria o livro ou alguma referência fidedigna sobre ele. Se você, leitora ou leitor, está achando grave o erro aqui descrito, imagine se a pesquisadora/dor ou /historiadora/dor houvesse errado o nome da escritora. Esse erro seria mais grave ainda – e isso aconteceu aqui no Ceará.

Pegando como base o mesmo dicionário de Maria da Conceição, encontrei o nome de Antonieta Sampaio. Por anos, procurei a escritora e alguma obra sua, mas jamais nada. Em 2019, quando já estava finalizando a escrita do meu dicionário, resolvi, mais uma vez, percorrer as bibliotecas em busca da única obra sua que eu tinha conhecimento, *Relíquias do Coração*, e certifiquei-me de que na BECE havia dois exemplares. No cadastro só constava o título do livro e não havia registro do nome da autora; a biblioteca estava em reforma, mas havia um anexo no prédio da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA), onde era possível fazer pesquisas com agendamento prévio para ver os microfílm e realizar algum empréstimo de livro. Ali, fui informada pela bibliotecária de que só seria possível realizar o empréstimo se houvessem vários exemplares do mesmo título, o que não era o caso, e como no registro só constavam dois, eles não se encontravam lá, naquela sala, estariam dentro de uma caixa e não seria possível localizá-la de imediato.

Fiquei imensamente triste e frustrada nesse dia, contudo, ainda haveria uma chance de localizar o livro. Dessa vez, na biblioteca da Universidade de Fortaleza (Unifor). Eu não era mais aluna de lá, mas a minha irmã estava fazendo um curso de graduação e poderia ter acesso

a empréstimos. Quando chegou a casa à noite e me entregou o livro, tive uma nova surpresa: o nome da escritora não era “Antonietta”, mas sim, **Antônia** Sampaio Fontes (grifo meu). De posse dessa informação, consegui localizar o seu neto, que me informou da publicação de outros livros dela e desse erro na grafia do nome de sua avó e que infelizmente se multiplicara em outras fontes. Fiquei imensamente feliz por poder fazer essa correção no nome da escritora e poder contribuir, assim, com a pesquisa sobre ela.

Na obra ***Resquícios de Memórias: Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX***, consegui reunir 71 mulheres nascidas no século XIX que publicaram obras; escreveram para jornais e revistas; participaram de movimentos abolicionistas, republicanos e feministas; sem embargo, ainda assim, permaneciam silenciadas. Com essa obra de minha autoria, possibilito a estudantes e pesquisadoras/es conhecer os nomes e as obras dessas intelectuais cearenses que estavam soterradas no esquecimento. Com a invisibilidade delas, não seria possível fomenageá-las nomeando ruas, escolas, institutos culturais nem lembrar de seus feitos nem de suas memórias.

Infelizmente, tive acesso a poucas famílias de descendentes dessas escritoras e muitos deles não puderam contribuir comigo, pois não se havia guardado as obras nem as lembranças de suas ancestrais beletristas. Apenas pude contar com o apoio de quatro famílias. Dentre esses descendentes de escritoras grandiosas, mas apagadas da historiografia, entrei em contato com um neto de Anna Nogueira Baptista, o Sr. Geraldo Nogueira Batista, que juntamente com sua esposa, a escritora Ana Maria Lopes, puderam me fornecer algumas informações sobre como tinha sido a vida da poetisa após a sua saída do Ceará. Ademais, ele prontamente me enviou um exemplar de *Versos*, único livro publicado por Anna Nogueira Baptista estando ela viva, que fotocopiei, e onde pude encontrar mais dados sobre a sua escrita.

A minha admiração por Anna Nogueira foi fundamental para que eu desenvolvesse esse trabalho de pesquisa. Logo no início do curso de Letras, havia me interessado pela Padaria Espiritual, um movimento literário surgido no Ceará no final do século XIX, descrito como uma agremiação de rapazes de letras e artes, mas que no seu periódico, *O Pão*, haviam publicado dois poemas de Anna Nogueira. Ela foi a primeira escritora sobre quem me dediquei a estudar. Esse feito me impulsionou a buscar referências sobre suas iguais daquela época.

Na casa de Juvenal Galeno, com a autorização do bisneto de Juvenal, tive acesso a diversos números da revista *Jangada*, nos que encontrei alguns poemas de Henriqueta Galeno que foram incluídos no seu verbete. Henriqueta, a idealizadora da Falange Feminina, posteriormente nomeada como “Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno”, dedicou toda a sua vida aos cuidados com o pai e com a casa, transformada em um abrigo para intelectuais

cearenses e para quem se interesse por conhecê-la – tal como a “Casa do Sol”, residência de Hilda Hilst em Campinas. Com saraus, palestras, lançamentos de livros e amadrinhamento de artistas, Henriqueta teve papel fundamental como representante cearense nos encontros feministas idealizados e realizados por Berta Lutz, mas que em vida, desafortunadamente, não nos deixou nenhum livro publicado.

No dia do lançamento do meu livro, em outubro de 2019, tive a grata surpresa e a imensa felicidade de poder encontrar vários descendentes das irmãs Abigail Sampaio e Maria Sampaio prestigiando o momento.

Nesse relato contei, em breves páginas, como foi o meu percurso e um pouco dos muitos desafios que enfrentei para que o resgate dessas intelectuais cearenses do século XIX fosse viabilizado e materializado em meu primeiro livro. Tenho a convicção de que se eu passasse mais tempo investigando, certamente teria encontrado outras mulheres que deixaram suas marcas nas páginas de jornais, revistas e livros daqueles idos. Todavia, o tempo se encarregou de apagar suas histórias sem que houvesse o cuidado de alguém em colhê-las e guardá-las a contento para que as futuras gerações apreciassem quão grandes elas foram.

Muitas pessoas me perguntam sobre as novas pesquisas, as novas publicações. Sempre hesitei em continuar, pois sei que o trabalho é desgastante e esgotador, mas hoje vejo que é preciso fazer essa contribuição, que junto à de outras e outros que investigamos nessa mesma egrégora, trabalhamos de forma abnegada para que a **LITERATURA DE AUTORIA FEMININA CEARENSE** tenha, enfim, o seu devido conhecimento e reconhecimento por parte dos pares e do público leitor e desfrute, doravante, do prestígio que merece.

Foi assim que em 2022, recebi o convite da pesquisadora Constância Lima Duarte para fazer parte da publicação *Memorial do Memorícídio*, Volume I, obra destinada a dar voz e visibilidade às escritoras esquecidas. Nesse estudo, disserto sobre Ana Nogueira, Alba Valdez e Henriqueta Galeno.

Após cinco anos do lançamento do ***Resquícius de Memórias: Dicionário Biobibliográfico de Escritoras e Ilustres Cearenses do Século XIX***, incentivada pelos constantes convites para escrever sobre Francisca Clotilde, organizei e publiquei o livro ***Estrela fatal: Antologia poética de Francisca Clotilde***, lançado no dia 14 de agosto de 2024 pela Editora LCR e contendo 123 poemas da escritora e educadora em tela, publicados entre o final do século XIX e início do século XX. A escolha do título da antologia foi inspirada em um dos poemas que estão na obra. A poesia de Francisca Clotilde e de Ana Nogueira foram pesquisadas na minha dissertação de mestrado na UFC, na qual cristalicei a investigação sobre todas as publicações realizadas pelas autoras na imprensa – jornais, revistas, almanaques – e nas

antologias. Ambas, inclusive, publicaram juntas em diversos jornais do país; dentre eles, *O Almanache Popular Brasileiro*, de Porto Alegre, em 1899. Francisca Clotilde contribuiu ainda com a imprensa internacional, na revista *A madrugada*, editada em Lisboa por Oscar Leal em 1895.

Muitas das escritoras que hoje são desconhecidas ou pouco conhecidas, tiveram um papel fulcral e pioneiro em suas épocas, como Alba Valdez, idealizadora da Liga Feminista Cearense ainda em 1904, ou mesmo Ana Nogueira e Francisca Clotilde, que participaram de grêmios como o Clube Literário e a Padaria Espiritual, que em seus estatutos previam a inclusão e a participação somente de homens. Por sua vez, Henriqueta Galeno e Adília Albuquerque representaram o Ceará nos encontros feministas organizados por Berta Lutz, munidas de suas penas indômitas e com as quais escreveram sobre seus ideais e reivindicaram suas pautas. O direito das mulheres à educação, ao voto, e sua inserção na política e no mercado de trabalho foram algumas dessas bandeiras de luta que elas empunharam com orgulho e representatividade.

Essas mulheres pioneiras no feminismo cearense trilharam um percurso que merece ser visitado e revisitado.

Muito em breve, será lançada a coletânea *Por uma história feminista da literatura Brasileira* – Volume I e Volume II –, organizada pelo Laboratório de Teorias e Práticas Feministas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e nela eu tenho a honra de participar com um artigo: **“Pena Indômita. Autoria feminina na Literatura cearense do entre século XIX/XX”**. Nesse trabalho, além das autoras supra mencionadas, também apresento Emília Freitas e Ana Facó, intelectuais cearenses que imprimiram suas marcas indelévels em nossa Literatura e em nossa História.

Espero, com este relato de experiência, haver contribuído para incentivar mais e mais pesquisadoras e pesquisadores a investigar acerca de nossas beletistas do Ceará obnubiladas pelo falocentrismo asfixiante de nossa cultura profundamente patriarcal.

Que mais estudos sobre elas venham à luz para que as conheçamos e as celebremos como elas merecem!



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional